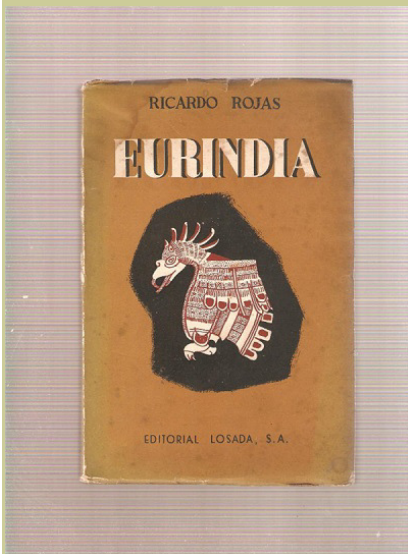


EURINDIA: ESTÉTICA DA NACIONALIDADE

Adriana Ortega Climaco



O objetivo deste artigo é refletir sobre *Eurindia*, de Ricardo Rojas (1924). O artigo apresenta, brevemente, o autor, descrevendo sua atividade intelectual marcante no início do século XX, no contexto do Centenário da Independência, e sua obra, enfatizando o neologismo elaborado por Rojas, *Eurindia*, uma fusão de Europa e Índias. Além disso, aborda a doutrina eurindiana, a fórmula “Indianismo e Exotismo”, proposta por Rojas, como explicação dos progressos argentinos de progresso e reação; e discute a crítica de Rojas a Sarmiento e a diferenciação de suas visões sobre a composição da cultura argentina. Por fim, descreve a reflexão de Rojas sobre as várias formas de arte na Argentina e a apresentação e conceituação, em *Eurindia*, de elementos constituidores da nacionalidade argentina, o que permite afirmar tratar-se a obra de uma estética da nacionalidade.



Ricardo rojas

1. RICARDO ROJAS E EURÍNDIA: O AUTOR E SUA OBRA

Intelectual de intensa atividade, Ricardo Rojas nasceu em Tucumán, em 1882, e faleceu em Buenos Aires, em 1957. Como escritor, desenvolveu os gêneros da poesia e do ensaio. Exerceu a profissão de professor universitário, tendo sido Decano da Faculdade de Filosofia e Letras e Reitor da Universidade de Buenos Aires.

Como crítico literário, preocupou-se em refletir sobre a identidade cultural da nação. Envolveu-se na corrente ideológica surgida no contexto das comemorações do Primeiro Centenário da independência argentina, denominada “primeiro nacionalismo cultural”. Sobre esse momento histórico, esclarecem os autores de *Cuzco-Buenos Aires. Ruta de intelectualidad americana (1900-1950)*:

Es frecuente en nuestra América que los acontecimientos se movilicen en las fechas recordatorias de ciertas efemérides. Parecería que la memoria se nos reactiva en la proximidad de los números redondos que confluyen con aniversarios precisos. Las festividades patrias configuran, como las fiestas patronales y otras de índole religiosa, la oportunidad de la reflexión y la manifestación pública de nuestras tradiciones y creencias (ARCE, 2009, p. 148).

O ambiente de comemoração pareceria ter a necessidade de expressar “que efectivamente éramos independientes” (ARCE, 2009, p. 148). Reconsideravam-se, no século XX, as propostas feitas um século antes, no calor da emancipação. Se o século XIX foi marcado pela concepção de apagamento dos sinais das raízes americanas, para converter os americanos em europeus, de acordo com as elites “civilizadas”, “el Centenario parece justamente el momento oportuno para cristalizar en hechos fácticos la definición de los territorios y la plena soberanía” (ARCE, 2009, p. 148). As novas nações postulam demonstrar um projeto do imaginário em que a modernidade e o progresso estivessem presentes, no qual a raiz hispânica era considerada apenas mais uma vertente na mistura das raças na América (ARCE, 2009, p. 149).

Neste contexto, Ricardo Rojas ganha destaque, refletindo sobre o nacionalismo em *La restauración nacionalista* (1909) e “participando activamente

en la promoción de un re-pensarse y reivindicar los pasados hasta entonces denostados. Su tarea trasciende lo literario e inclusive propone recuperar los oficios y las artes populares, buscando desde abajo crear un arte argentino” (ARCE, 2009, p. 156).

Sua produção mais importante foi *História da Literatura Argentina*, obra que escreveu em quatro volumes que correspondem a quatro formações nacionais: “*Los gauchescos*”; “*Los coloniales*”; “*Los proscritos*” e “*Los modernos*”. Sobre a escrita desta obra, o próprio autor afirma, em *Eurindia*, que ninguém antes dele havia estudado o acervo bibliográfico argentino em seu conjunto (ROJAS, 1924, p. 110).

Editado em 1924, *Eurindia*, apresenta um conjunto de ensaios anteriormente publicados no jornal *La Nación*. Tal conjunto forma um amplo ensaio de estética “fundado en la experiencia histórica de los pueblos americanos” e dedicado a todos os mestres e artistas americanos capazes de acreditar em *Eurindia* como uma deidade guiadora (1924, p. 9).

O autor declara que, ao voltar da Europa, na viagem de navio, tem um sonho a partir do qual cria um neologismo – *Eurindia* – que define como “el nombre de un mito creado por Europa y las Indias, pero que ya no es de las Indias ni de Europa, aunque está lleno de las dos” (ROJAS, 1924, p. 8). Esclarece que tal neologismo remete ao termo “Eurásia”, que designa os homens e as culturas da Ásia, quando passaram à Europa, gerando uma nova cultura, que já não era do continente originário, muito menos do continente no qual se gestou, sendo a Grécia o órgão mais fecundo desta criação. Da mesma forma, o fenômeno de migração intercontinental entre Europa e Índias ocidentais gerou *Eurindia*, apresentando a Argentina como o órgão mais fecundo desta criação (ROJAS, 1924, p. 9).

Para justificar sua concepção, o autor argumenta que era inexistente nos ciclos dos gauchescos, coloniais, proscritos e modernos a possibilidade de universalização da cultura argentina. Segundo ele, essas escolas realizaram um bem parcial, mas quase todas são renovações vindas do estrangeiro, embora transformadas pela vida do país. Portanto, se faz necessária uma doutrina estética fundada na experiência da história argentina, que

nazca aqui, para nosotros y para América, como afirmación de que la nacionalidad argentina ha llegado a sazón fecunda; que ha aprendido a explicarse por sí misma, y a disciplinar, según sus necesidades, su propia cultura. (...) Necesitamos asumir la autonomía del espíritu, si es que somos capaces de ello, como supimos asumir la del gobierno y la tierra (ROJAS, 1924, p. 42).

Após estudar a história da literatura argentina, Rojas percebe em seu conjunto as quatro formações socioculturais já apresentadas e considera que,

naquele momento, primeiro quartel do século XX, urgia refletir sobre os rumos da nação argentina. Para isto, propõe que a arte seja norteadora de tal reflexão, elaborando uma estética que defende, em sua doutrina, a síntese das culturas europeia e indiana (como indiano, Rojas considera tudo o que é próprio da América).

A proposta de Rojas assemelha-se ao “Projeto Assuntivo” elaborado por Leopoldo Zea. Tal projeto

tem como ponto de partida a própria realidade, por mais negativa que possa parecer, para tratar de construir, sobre ela e com ela, o mundo que se anseia. (...) Isto é absorção, assunção da própria realidade. E dentro da realidade, a história e o passado. (...) O projeto assuntivo pretende ir além da própria realidade, mas partindo e contando com ela, cavalgando sobre seu conhecimento e sua experiência (ZEA, 2005, p. 270) .

Para Zea (2005, p. 16), seria uma irresponsabilidade voltar as costas à realidade originária, ao passado. E o fruto dessa irresponsabilidade seria a cega tomada das sociedades européias e norte-americanas como padrões de desenvolvimento a imitar e , assim, negar o que seja próprio. Afirma a necessidade de superação da marca da formação cultural ibero-americana: a dependência (ZEA, 2005, p. 17). O desafio, portanto, seria o da construção de uma modernidade ibero-americana autêntica: “Assumir; absorver; não rechaçar. Não estabelecer, uma vez mais o “drama de ser duplo”, mas fazer patente a extraordinária capacidade de fazer de dois, de muitos, um só; o próprio do homem sem mais em suas múltiplas expressões” (ZEA, 2005, p. 172).

Fazer de dois um: pode-se afirmar que este foi um dos propósitos de Rojas ao cunhar o termo *Euríndia*.

2. DOCTRINA EURINDIANA: INDIANISMO E EXOTISMO

Segundo Rojas, duas correntes espirituais influenciaram a política, a literatura e as outras formas de arte na Argentina: uma é indígena, a outra é exótica. Tais correntes já foram paralelas e justapostas, Euríndia tenta fundi-las (1924, p. 105) já que “la cultura argentina no es india ni española” (p. 145).

Ao lado de outros escritores, como Rubén Darío y José Enrique Rodó, Rojas questiona o antigo modelo ideológico esboçado por Sarmiento (ARCE, 2009, p. 153). Para o autor, a antinomia – “civilização” (Europa) e “barbárie” (América) – embora afortunada, não corresponde à síntese que propõe em *Euríndia*. Segundo Rojas, Sarmiento viu este conflito

con ojos europeos y sólo en sus apariencias políticas durante la guerra civil, cuyas consecuencias él padeció como proscrito. Si lo hubiera visto con simpatía americana y con serenidad de filósofo, penetrando en la esencia metafísica de aquel fenómeno, hubiera hablado de otro modo (1924, p. 16).

Tal antinomia no aspecto mais amplo refere-se à Europa e à América e, no sentido mais relacionado à interioridade argentina, faz referência à cidade de Buenos Aires, como modelo de civilização, contraposta ao interior, exemplo de barbárie.

Como aponta o historiador Felipe Pigna (2005, p. 270), Sarmiento considerava que o grande problema da Argentina era o dilema entre a civilização e a barbárie, que só se resolveria com o triunfo da primeira. Sarmiento entendia que a civilização identificava-se com a cidade, com o urbano, o que estava em contato com o europeu, que significava progresso. Já a barbárie, ao contrário, era o campo, o meio rural, o atraso, o índio e o gaúcho. Destaca Pigna o momento em que Sarmiento escreveu *Facundo*, publicado em 1845: "A Sarmiento le tocó escribir en una época muy particular. La intolerancia era moneda corriente y los conflictos políticos se resolvían por las armas. Cada fracción en el poder era cruel y despiadada a su turno con los adversarios. Nadie tenía contemplaciones" (p. 270). O contexto histórico de sua produção é o das lutas civis entre Federalistas e Unitários, da ditadura de Rosas, a quem Sarmiento se opunha. Os adversários de Rosas representavam-no como a encarnação do absolutismo, arbitrariedade e barbárie (PRADO, 1996, p. 21).

Verifica-se que, de fato, a formulação eurindiana distingue-se da proposta de Sarmiento, pois aquele visa à síntese e não à oposição destruidora do elemento indiano que estaria, na concepção sarmientiana, identificado com a barbárie. Ao contrário, Rojas valoriza tal elemento, considerando-o igualmente formador da cultura argentina ao lado do ingrediente europeu.

A fórmula "Indianismo e Exotismo", embora paradoxal, poderia explicar os processos argentinos ou americanos de progresso e reação (característica dos ritmos históricos), bem como o caráter territorial que os ritmos históricos europeus adquirem na evolução da cultura americana. Para Rojas, com esta formulação torna-se possível explicar a crise da história política argentina e as renovações de sua história intelectual (ROJAS, 1924, p. 17).

A chegada dos espanhóis à América designa o primeiro momento de exotismo, resultante na destruição do aborígine. A este momento, reage o indianismo com as lutas de emancipação do século XIX, nas quais apresenta suas reivindicações nativistas contra o civilizador de procedência exótica. Novo ciclo exótico cosmopolita estabelece-se com a abertura à imigração européia. A tal ação corresponderia uma reação indianista que estaria por nascer, como Rojas esperava

no início do século XX, que seria um renascimento filosófico e artístico, síntese das culturas indiana e exótica (ROJAS, 1924, p. 18).

O exotismo é apresentado pelo autor como necessário ao crescimento político; já o indianismo, como necessário à cultura estética: "No queremos ni la barbarie gaucha ni la barbarie cosmopolita. Queremos una cultura nacional como fuente de una civilización nacional; un arte que sea la expresión de ambos fenómenos. 'Eurindia' es el nombre de esa ambición" (ROJAS, 1924, p. 20).

A doutrina eurindiana propõe a conciliação do elemento americano e do europeu, sendo seu segredo não rechaçar o europeu e sim assimilá-lo, nem reverenciar o americano, mas superá-lo, perseguindo um alto propósito de autonomia e civilização (ROJAS, 1924, p. 170).

Separadamente, as tradições europeia e indiana esterilizam-se. Por um lado, ter-se-ia o exotismo pedante, que geraria efêmeros remedos, progressos aparentes, vaidade de novos ricos e transplantados. Por outro lado, o indianismo sentimental traria rusticidade violenta, fantasmas anacrônicos, pobreza de velhos índios e de gauchos. Em *Eurindia* estaria a redução e a superação das duas forças na unidade de um novo ser (ROJAS, 1924, p. 203). O "fazer de dois um", como proposto por Zea (2005, p. 172).

Rojas considera que o fenômeno que descreve pode ser aplicado e comprovado em todas as nações americanas (1924, p. 188) evidenciando-se, assim, sua proposta de universalização da cultura argentina, cuja descrição seria modelar para as outras nações da América.

Ressalta-se que o autor, ao valorizar o indianismo, não se apresenta hostil ao homem estrangeiro, à cultura europeia. Para ele, o hibridismo cosmopolita e o individualismo estéril seriam os grandes problemas (ROJAS, 1924, p. 348), por isso, propõe a conciliação do elemento americano e do europeu (p. 170).

Na doutrina eurindiana, a cidade de Buenos Aires possui papel de destaque: "Ya es el *puerto*; sea también la *ciudad*" (ROJAS, p. 201, grifo do autor). No entanto, diferentemente de outras propostas, em *Eurindia* considera-se que falta a Buenos Aires ligar-se espiritualmente às outras províncias, fornecendo-lhes o modelo a seguir e recebendo destas as correntes de americanismo.

3. ESTÉTICA DA NACIONALIDADE

Ricardo Rojas apresenta em *Euríndia* reflexão acerca da nacionalidade argentina. Parte da definição de estética como uma *filosofia da sensibilidade* que tem como objeto a contemplação do belo na natureza e a criação do belo mediante a arte (1924, p. 196) para desenvolver o que chama de *estética da ação*, o desenvolvimento do país, o progresso a partir da arte:

La estética de Eurindia, fundada en la experiencia histórica de nuestra literatura, abarca en sus postulados todo el contenido de la consciencia argentina y de sus formas

sociales, pero se refiere concretamente al arte americano, conciliando lo indígena con lo exótico, y tiende a infundir su espíritu de armonía en la acción colectiva. Por conseguinte la política, la economía y la educación han de canalizar hacia realidades históricas del futuro la fuerza emocional que Eurindia ha definido en estos principios: originalidad del alma nacional, continuidad de la tradición, unidad de la cultura, correlación de los símbolos y homologías de la civilización en América. Vigorizar nuestra argentinidad genuina, no para prescindir de lo extranjero, sino para asimilarlo mejor en la medida de nuestras necesidades; hacer de Buenos Aires un crisol de lo europeo y de lo nativo; hacer de la Argentina un crisol de lo americano y de lo universal: he ahí los propósitos de Eurindia como estética de la acción (1924, p. 196).

Para o autor, a arte é a função eminente da cultura, correspondendo-lhe o magistério coletivo (ROJAS, 1924, p. 198). A escola, o governo e o povo precisariam realizar os mesmos ideais americanos que a arte revela à consciência de uma sociedade (p. 197).

A estética eurindiana afirma a criação e, por conseguinte, condena a cópia. Para Rojas, o mimetismo das modas literárias extracontinentais, tendência verificada nos países latino-americanos, é ridículo (1924, p. 15). Segundo ele, deve-se descobrir realidades próprias de América e estimular na consciência hispanoamericana a fé em si mesma (p. 153). O comportamento deve ser o de assimilar da Europa tudo o que possa ser útil à expressão do gênio indiano, mas rechaçando tudo aquilo que o debilita ou o deforma (p. 154). Aqui parece ouvir-se um prenúncio da noção de *mirada estrábica*, formulada por Piglia (1991, p. 66): ter um olho posto na inteligência europeia e outro posto nas entranhas da pátria. Portanto, *Eurindia* afirma que criar e não simplesmente copiar, deveria ser o resultado da arte americana que não pode renunciar à fonte de renovação e progresso vindas da cultura europeia, mas que necessita ter consciência de si mesma (ROJAS, 1924, p. 207). Segue Rojas (1924, p. 224), afirmando que América precisa assimilar o estrangeiro e concluir a imitação, sentir a vida coletiva, dar unidade de caráter à cultura argentina e plasmar os símbolos estéticos da personalidade americana.

O autor reflete sobre as várias formas de arte – dança, música, arquitetura, pintura, escultura e poesia – descrevendo-as e apresentando-as como símbolos correlatos de uma só tradição social, pretendendo demonstrar como podem reduzir-se a uma só norma estética, que é *Eurindia*.

Ao descrever e analisar as artes argentinas, elabora um método semelhante ao que utilizou em sua história da literatura argentina: a divisão em períodos históricos – primitivos, coloniais, proscritos e modernos. Identifica o momento

contemporâneo à escrita de *Euríndia* como o do nacionalismo que se gesta na chamada era dos modernos. Percebe-se que o nacionalismo funciona como facilitador ou promotor da estética eurindiana.

Na música, aponta o hino nacional, do século XIX, como primeira manifestação do nacionalismo (1924, p. 259). No que se refere à dança, Rojas destaca a aceitação à época, início do século XX, de que a dança popular poderia criar um novo espetáculo, expressivo da tradição indiana, desafiando a Escuela de Danzas del Teatro Colón, segundo ele reduzida ao repertório europeu, a tomar para si a tarefa de transformar o “folclore” coreográfico em arte teatral (p. 243).

Ao discorrer sobre a arquitetura, destaca que a tendência nacionalista despertou o sentimento estético da tradição e o anelo cívico da unidade espiritual, desdenhando a mera cópia do modelo estrangeiro (ROJAS, 1924, 275). Portanto, os novos arquitetos, fortalecidos pela obra paralela de historiadores e poetas (p. 276), devem buscar inspiração no meio histórico argentino para expressar a vida social (p. 277).

Quanto à escultura, Rojas (1924, p. 288) observa que, com a colonização, houve assimilação já na forma eurindiana, pois a escultura transplantada da Espanha transformou-se em contato com a realidade americana. Afirma que se deve “buscar la belleza por nuestros propios caminos” (p. 293), que nada mais são que os caminhos de Euríndia. Para ele, a escultura requer espírito de nacionalidade que está, principalmente, no coração do escultor (p. 297).

Para Rojas (1924, p. 315), a pintura provaria os princípios de Euríndia ao conciliar a técnica europeia e a emoção americana. Nela, o movimento nacionalista é mais definido, pois manifesta os princípios de Euríndia apresentando elementos como natureza, luz, paisagens de pampa, de selva, de montanha, tipos de índios, de *gauchos*, de imigrantes, retratos e cenas do país, consciência da natureza local e da arte criadora.

Quando la verdad de la naturaleza y de la luz entró en los talleres, entró con ella la patria en los dominios del arte. Paisajes de pampa, de selva, y de montaña, tipos de indios, de gauchos y de inmigrantes, retratos y escenas de nuestro país, no de otros, ejecutando todo ello con progresiva conciencia de la naturaleza local y del arte creador, tal es la empresa en que hoy se hallan empeñados nuestros más hábiles pintores (1924, p. 315).

Sobre a poesia, Rojas (1924, p. 330) declara que a manifestação da argentinidade de modo consciente, como sentimento poético, deu-se com Esteban Echeverría, *El matadero* e *La cautiva*, obras tipicamente argentinas por seu tema, sua expressão e seu sentimento. Segundo ele, a paisagem e o homem da Argentina entram na arte com essas obras, iniciando-se, assim, o nacionalismo literário, embora, naquele momento, não houvesse plena consciência de seu

conteúdo como doutrina estética. Verifica-se aqui, mais claramente, que a proposição de *Eurindia* vem resolver este problema, preencher a lacuna estética.

O autor considera que as características da poesia nacionalista, eurindiana, são a tematização da paisagem nativa, da população local, o idioma vivo das gentes e sua sensibilidade característica (ROJAS, 1924, p. 331).

Observa-se que o autor formula uma estética que compreende a necessidade de um novo espírito, um novo homem, que a possa realizar. Chama *Eurindia* de *estética da contemplação e da ação*. A contemplação estaria no âmbito espiritual, e a ação na esfera da produção da arte. O espírito careceria de desenvolvimento, através das disciplinas espirituais contemplativas, semelhantes às da dimensão religiosa da preparação do ambiente interior para a recepção ou percepção do sagrado. Nesta metáfora, o sagrado seria a manifestação artística eurindiana.

Rojas apresenta o que considera as disciplinas da experiência (1924, p. 352), que teriam a função de emancipar o espírito, fazer morrer o homem velho, cheio de preconceitos exóticos, e nascer o novo, alimentado de emoções nativas: contemplação da natureza, das paisagens americanas, meditação de Eurindia na solidão, desfrutar de crepúsculos outonais nos pampas, noites de estio sobre as cordilheiras, rumores do bosque virgem, evocação das ruas provincianas e dos vales onde se encontra a lenda da antiga América. Desenvolvido o espírito, estaria o artista apto para expandir a estética eurindiana. O autor preocupa-se ainda em afirmar que tal estética não seria um claustro para a arte, nem para a pátria que permaneceria aberta às influências exteriores, mas também aberta à contemplação estética de seus filhos (ROJAS, 1924, p. 364).

Percebe-se em *Eurindia*, de maneira clara, elementos definidores da nacionalidade argentina apontados como construtores de sua identidade: composição étnica; solo; tradição. Tais elementos somados resultam no que o autor chama *argentinidade*.

A composição étnica refere-se ao povo que forma a nação argentina: índio, espanhol, imigrante. O solo, a localização geográfica, territorial, do povo, a terra exercem influência sobre este povo, sendo seu *númen* criador. A tradição e a cultura trazem a tradição indígena somada à europeia, indianismo e exotismo, portanto.

Estes elementos são interligados intimamente, não sobrevivem isoladamente ou, se assim pudessem sobreviver, dariam forma a outra nação que não a Argentina. O povo, radicado num local, cria e desenvolve sua cultura, construindo e preservando sua memória. Rojas afirma que a memória coletiva de um povo constitui-se num fundamento precioso da nacionalidade (1924, p. 139). A memória permite o pleno desenvolvimento da tradição, como o rito que tem a função de comemorar o mito.

Considerando-se a tradição como não apenas o passado, mas a razão do presente e a fonte do porvir (ROJAS, 1924, p. 139), sua função é determinante

para a nacionalidade, pois à sua continuidade submete-se a existência das nações. Sua interrupção gera perda da memória coletiva e desvanecimento da personalidade nacional (p. 176).

A tradição, a cultura, relaciona-se à memória que manifesta a consciência. Rojas considera que não basta possuir uma cultura, é necessário possuir a consciência da cultura (1924, p. 186). Memória, ingrediente fundamental da História, permite ao povo argentino conhecer-se a si mesmo: "O indígena, o espanhol e o gauchesco sobrevivem nas almas, criando a verdadeira história argentina, ou seja, a consciência da sua cultura" (p. 179).

A síntese dos elementos apresentados traz à luz a argentinidade, definida por Rojas como o espírito animador da nacionalidade, revelando a fusão, a mescla eurindiana. Argentinidade seria aquilo que faz peculiar o povo argentino, sua cultura, sua história, sua arte frente às nações do mundo:

Argentinidad es el nombre de nuestra unidad funcional como Nación. Está en la tierra, en la tradición, en la raza y en la cultura, simultáneamente. Ninguna institución le da forma absoluta y definitiva. (...) El arte es, sin duda, el símbolo que mejor la manifiesta, y junto con el arte los géneros todos de la literatura, porque la palabra es capaz de reflejar todo el contenido de la conciencia (1924, p. 163).

Concebendo a nacionalidade como um fenômeno de síntese psicológica, no qual um eu metafísico faz-se carne com um povo que encontra sua linguagem nos símbolos da cultura (1924, p. 129), Rojas propõe em *Eurindia* uma estética nacionalista que aponta ao universalismo, no sentido de mostrar para a arte argentina a necessidade de sair do regionalismo, alcançando universalidade a partir da própria nacionalidade (1924, p. 90), pois a Argentina, compreendendo sua formação eurindiana, praticando-a na arte, seria um modelo para as demais nações americanas.

O autor afirmava a necessidade de emancipar culturalmente o país e de fornecer à educação argentina um caráter nacionalista através da História e das Humanidades (ARCE, 2009, p. 166). Advém disto a realização de pesquisas sobre o processo histórico da Literatura Argentina e sobre as demais manifestações artísticas e culturais, objetivando construir a nação. *Eurindia* manifesta a evolução de seu pensamento nacionalista, como demonstrado neste trabalho, no qual observou-se também a "ampliación del horizonte espacial, apreciando el asunto como un problema de alcance americano" (ARCE, 2009, p. 170).

Eurindia seria, portanto, a síntese cultural, do indianismo e do exotismo, característica fundamental da identidade argentina, uma estética nacionalista, que valoriza a argentinidade, o espírito essencial argentino, e universalista, pois se projeta como modelo para as demais nações americanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho era refletir sobre *Eurindia*, obra de Ricardo Rojas (1924).

Após discorrer sobre o autor, apresentando-o como relevante escritor do início do século XX, estudioso da cultura e da história da Literatura Argentina, e sobre sua obra, descrevendo o conceito de Eurindia, passou-se à reflexão acerca da doutrina eurindiana em sua característica básica: a formulação "Indianismo e Exotismo". Tal proposição revela uma maneira de analisar a formação cultural argentina, os processos de ação e reação, diferente da forma proposta por Sarmiento na antinomia "Civilização e Barbárie", pois ao invés de oposição, Rojas propunha a síntese das tradições indiana e europeia.

Verificou-se em *Eurindia* a elaboração de uma estética da nacionalidade, que apresentou elementos constituidores da nacionalidade: povo, terra e cultura, que somados, resultariam na argentinidade, definida como o espírito animador do povo argentino e constituidor da singularidade de sua cultura. A síntese eurindiana, característica da Argentina e manifesta em sua arte, embora local, a universalidade.

Considera-se que a leitura e reflexão sobre esta obra permite compreender melhor a história da Literatura Argentina em sua formação, bem como a cultura e a identidade argentina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, Elizabeth Kuon (org.). *Cuzco-Buenos Aires. Ruta de intelectualidad americana (1900-1950)*. Lima: Fondo Editorial de Universidad de San Martín de Porres, 2009.

PIGLIA, Ricardo. "Memoria y tradición". In: *CONGRESO DA ABRALIC*, 2, 1991, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Editora UFMG, 1991. p. 60-66. v. 1

PIGNA, Felipe. *Los mitos de la historia argentina 2*. 7ª ed. Buenos Aires: Planeta, 2005.

PRADO, Maria Ligia C. "Prefácio à edição brasileira". In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROJAS, Ricardo. *Eurindia*. Buenos Aires: La Facultad, 1924.

ZEA, Leopoldo. *Discurso desde a marginalização e a barbárie*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. (Pensamento Vivo)